

VIDA FLUMINENSE

CÔRTE

Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000

PROVINCIAS

Semestre	11\$000
Anno	21\$000
Anual	18\$000

ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR
Nº 52
SOBRADO

FOLHA
ILUSTRADA
1868



Então, que diabo é isto? Semear pimentas e mostarda, e nascer rosas e plantas odoríferas.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 2 de Novembro de 1872.

Estou cada vez mais convencido de que o bom andamento de uma casa commercial depende da conservação de seus empregados.

Isto de andar a mudar todos os dias, vindo a cada instante caras novas, equivale a seguir a passos largos pelo caminho da *bankrot*.

E a razão é simples.

Um homem estabelece o seu negocio: emprega como guarda-livros, caixa, empregado de balcão, e cobrador, os Srs. Antonio, José, Joaquim e Manoel.

No dia seguinte, o vizinho do canto, que quer oucaixar em casa do homem um afilhado seu, arma uma intriguinha, e lá vai para a rua o guarda-livros Antonio.

Como a casa não pôde estar sem ter quem-lhe guarde os livros, o homem admite no dia seguinte o Sr. Anastacio.

Este olha com certo ar de commiserção para o trabalho até alli feito pelo collega despedido, e diz, enfundando as bochechas:

Que systema devastador! se esta casa continuasse a seguir-o, quem lá dar com os ossos na correção era o Sr. Anselmo. (já sabemos que o homem chama-se Anselmo.)

E o Sr. Anastacio, inutilizando todos os lançamentos do *Diario*, obriga o Sr. Anselmo a mandar sellar outro *Diario*, aproveitando o espaço de tempo que o novo sello exige em ler o *Jornal do Commercio*, e fumar á socapa um *Londrés do Bernardo*.

Dahi a oito dias, o caixa José, na esperança de obter melhor sorte n'uma casa que, embora lhe dê menos ordenado, lhe offerece um futuro mais rico d'esperanças e de... téas de aranha, despede-se do Sr. Anselmo, e sabe-lhe de casa no dia em que maiores recebimentos havia a fazer.

Anselmo corre á casa do vizinho da frente, conta-lhe o caso, e sob recommendação delle admite d'ahi a poucos momentos o Sr. Flauterio, que, no dizer das primeiras capacidades commerciaes, é um caixa incapaz do fechar os livros sem saber ao certo quanto lhe fica na burra... em notas, cartões, cobre e níquel.

O Sr. Flauterio abre a caixa, olha com piedade para o interior, e exclama:

Que confusão! que barafunda! que cahos!

As notas de 2000 misturadas com as de 12000!

O níquel venenado a esmo no fundo da gavetinha, sem ter sido previamente embalhado em pedacinhos de papel inglês! O cobre de envolta com os cartões de bond, e estes pedindo em altas vozes que os livrem daquelle peso!

Que confusão, que barafunda, que cahos!

Não: lá desta MIXORDIA, assim como está, é que eu não tomo conta.

O Sr. Anselmo concede ao Sr. Flauterio tres dias para elle *endireitar* a caixa, e durante esse prazo não se recebe nem se paga um só vintém!

Dahi a vinte-dias o empregado do balcão, sob pretexto de que a *litteratura* e a *poesia* lhe estendem os braços, dá a sua demissão, e sabe de casa do Sr. Anselmo para ir rabiscar umas notícias bostealogicas n'um *diario*... qualquer.

Lá vai o Sr. Anselmo outra vez á cata de caixeiro que lhe venha preencher a lacuna deixada no balcão pelo Sr. Joaquim, e voltando, á tarde, entrega as prateleiras ao Sr. Justino, que, no modo de *impingir fontari* por seda da Persia, julga-se superior a quantos collegas por ali tem nesse Rio de Janeiro.

O Sr. Justino, ao tomar conta da pasta, olha melancolicamente para as prateleiras e exclama:

Que animalão o Senhor tinha em sua casa, patrão! Pois isto é lá moio de ter fazendas: as caixas assim ao DEOS DARA, expostas á poeira e ao mofo, sem designação por fóra dos artigos que estão dentro!

Ah! gentes... já virão um animalão assim!

E o Sr. Justino gasta quatro dias a pôr as caixinhas lá a seu geito, não permitindo que se venda cousa alguma sem que se tenha procedido á... arrumação geral.

No fim do mez o Sr. Manoel dá parte de fraco, em vista da multiplicação das cobranças e dos *mdos moios* com que os freguezes lhe recebem a visita.

Portanto, o Sr. Manoel vai para a rua, sendo, no dia seguinte, substituido pelo Sr. Barros, cobrador notavel, pelas maneiras alambicadas com que lambe os cobres do freguez.

O Sr. Barros, ao entrar na posse do seu novo emprego, começa por achar apenas detestavel tudo quanto o seu antecessor fizera. Classificação de contas, separação de localidades, numeração de documentos, notas tomadas a lapis no verso da papelada, tudo é máo, tudo é horrivel, tudo é fóra dos *sizes* rigorosamente commerciaes.

O Sr. Barros, portanto, sob pretexto de arranjar a cobrança lá a seu modo, encafua-se n'um quarto, donde sabe ao cabo de sete dias para ir, no oitavo, começar a cousa.

O Sr. Anselmo lembra-se então de dar balanço, e vê com pasmio que a casa perdendo, durante o mez, uma quarta parte do capital vai direitinha pelo caminho da ruína.

Enquanto isto se dá com o Sr. Anselmo, o contrario exactamente succede em casa do vizinho do canto.

Este conserva cautelosamente os seus empregados; se algum deseja saber dá-lhe um puxozinho no ordenado para o resolver a ficar, e quando procede a balanço aha que o negocio vai de vento em pópa e que o futuro lhe promette uma prosperidade tão espantosa... como certos mysterios de que o Sr. Climaco dos Reis nos deu apenas um antegosto.

Serve todo este aranzel para provar que, assim como o bom andamento de um *negocio* depende da conservação dos seus empregados, assim a felicidade de um povo e a prosperidade de qualquer nação se acham, *ipso facto*, ligadas á estabilidade de um bom governo.

E nisto não ha, nem pôde haver, duas opiniões. Conheço o Brazil ha trinta annos, e tenho notado que para se exigir alguma cousa boa de qualquer ministerio é necessário dar-lhe o tempo preciso para a fazer.

So o destino lhe concede o tempo, e ha boas intenções da parte do governo, o paiz vai a galope pelo caminho do progresso.

Se no governo se repetem as scenas intimas do Sr. Anselmo, ahi estamos a marcar passo ou a andar para traz, o que é ainda peor.

Ora, é innegavel que (sem ferir o pundonor dos outros partidos) o ministerio presidido pelo Sr. do Rio Branco tem contribuido, como pontos, para o bom andamento da nossa casa financeira, justa, guerreira, maritima, agricola e imperial.

E' innegavel ainda que prospera mos a olhovistos; que o credito se estabelece sobre bases solidas e reaes; que o espirito da sociedade se desenvolve e com incrível rapidez; que as emprezas e melhoramentos formigam por ahi a cada canto, e que a população, em geral, mostra-se contente com a situação politica da actualidade.

Conservemol-a, portanto, para eterna consolação do vizinho do canto, e não interrompido remorso do Sr. Anselmo.

E se a opposição, de qualquer cor que ella seja, disser que estamos á beira de um abysmo, que o paiz vai por agua baixo, que o governo é mais sanguinario do que todos os magarêes do imperio, e que só a *revolução III* (*que mui*) pôdo salvar a patria, respondamos-lhe todos em coro.....

Que diabo havemos nós responder? Não ha por ahi quem m'o diga?...

Cabo! — grita-me da officina o impressor que está achando a machina perra — *cabo!*

Eu vou dar cabo ao impressor da folha, e volto logo.

Z.

Golpe de vista sobre os theatros e as reuniões

Eu começo esta chronica sandando enthusiasticamente uma criança que já é uma gloria para o nosso paiz! uma criança que não ha ainda muitas noites foi victoriada pelo nosso publico, e que em breve vai aprender na Europa o pouco que lhe falta para entrar triumphante no templo dos artistas pri-

villegiados uma criança a quem o porvir reserva as suas mais deslumbrantes glorias e cujo nome será um dia posto ao lado dos Thalberg, Listz, Gottschalk e Arthur Napoleão!

Depois de tudo quanto vai dito é claro que esta sandação é dirigida ao menino Ernesto Couto, talento precoce, que ha ainda bem poucas horas tive nova occasião de apreciar, e ao qual auguro um dos mais brilhantes futuros de que possa haver noticia na historia das artes.

Continuo ainda o presente artigo fazendo quatro *barretados* aos Tenentes do Diabo pelo sarão de 19 do corrente.

Prinam aquelles rapazes, tão endiabrados pelo carnaval, em dar ás suas reuniões um *cuchet* que as põe ao lado dos nossos melhores soirées.

Jovialidade, franqueza, obsequios do toda a casta, fraternidade invejavel, serviço escolhido e abundante, nada falta alli.

Falta, entretanto, uma cousa: é que as reuniões não se rejitam mais a miudo.

Os theatros não apresentaram mudança sensivel durante a semana.

O Alcazar, enquanto espera a exhibição do *Troie d'Ecosse*, o successo mais notavel das scenas parisienses nestos ultimos tempos, lançou mão do *Dominó noir*, cantado primorosamente por Mlle. Delmery e pelo Sr. Puget, e bem representado por Mme. Villa e Srs. Vallote e Rozier.

Para alternar com a inspirada e popularissima paratira de Auber, recorren tambem ao *Piano de Berthe*, uma comedia que, além de ser um primor de espirito e de linguagem, é esplendidamente representada por Mlle. Delmery e pelo Sr. Puget.

E' pena, entretanto, que este não dê áquella phrase — *Encore? est-ce que ça ne va bicuit finir?* — a interpretação devida, juntando-lhe a inflexão apropriada.

Fôra disso, o trabalho artistico do Sr. Puget, no Piano de Berthe, é irreprehensivel, porque é perfeito.

No S. Pedro — não ha lugar vago, nem mesmo nos corredores, nas noites em que o panorama de Lisboa mostra o nariz ao respeitavel publico.

Na Phenix dá-se o mesmo com o *Al-Bab* do Garrido e Mesquita.

No Cassino houve *sarilho* até terça-feira, e calma podre d'ahi por diante, graças ás medidas policicas. Com o *sarilho* muito lucraram o Martins, que encheu a burra, e os sapateiros que venderam mais calçado em quatro noites do que costumam vender em quatro mezes.

Com a calma ganha a policia, que não precisa mais andar de Herodes para Pilatos, e essa parte do publico que, nem de palanque, gosta de ver lousas. —

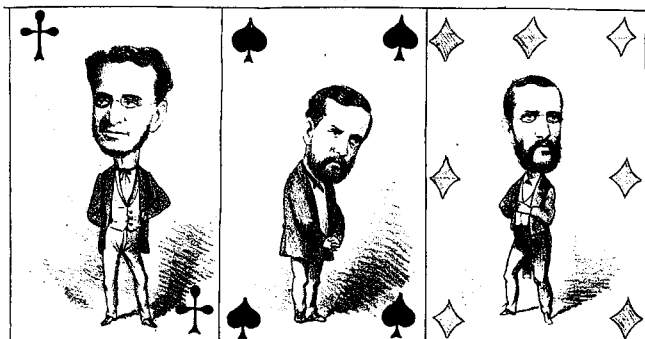
A VIDA FLUMINENSE



2 de Novembro.
Respeito aos mortos!

O Baralho politico

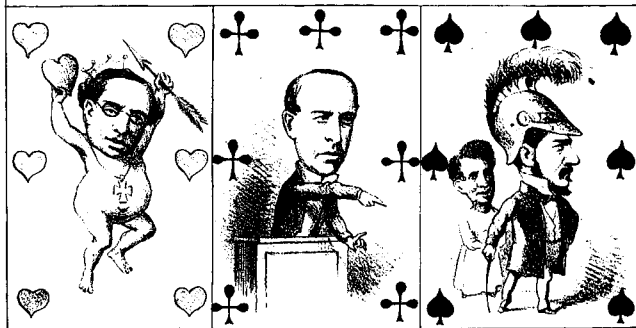
Cartomancia



2 de paus
É Pa. forma, porque na
inteligencia, e no polle-
rão é c... manchetes.

A lumbas
segundo a opinião dos
melhores Cartomantes

Bisca de biscoito
Muitos dinheiros.



Bisca de copas
Corações, amores, politica
e... afecções.

Bisca de paus
Os jogadores e quando pas-
sam, a grande "Mancada".

Bisca de espadas
Cartas emcombustíveis,
graças a "Crescente".

Do salão de inauguração do Club Gymnastico Portoguez, festa brilliantissima sob todos os pontos de vista, fallarei sabbarbo proximo, se d'aqui até lá não passar desta para melhor o signatario destas linhas.

X.

Alexandrina

(Continuado do n. 252)

A familia de Alexandrina começa tambem a inquietar-se. Consulta alguns medicos, ouve a opiniao das pessoas mais intimas da casa, e taun uns como outras são unanimos na escolha do casamento como remedio para tão inexplicavel doença.

Resolvesse, pois, que este se effectuaria dentro de poucas dias.

Espero... e tento melo.

A ansiedade não me deixa repousar um instante.

Cada minuto que passa é um perigo de menos.

Oh! como eu seria feliz, se o tempo passasse sem que eu desse por elle!

Finalmente o dia marcado para a nossa união começou a rair. Era uma dessas bellas manhãs de outono em que a natureza, embora enfiada, se mostra grave e severa.

Antes de ir ter com Alexandrina, errei por algum tempo nas avenidas da minha fazenda.

Percorri os pomares; as varzeas tudo me offerecia encantos até alli desconhecidos. As folhas secas, estalando-me debaixo dos pés, saudavam-me amigavelmente; os passarinhos, estando diante de mim, paravam, por vezes, para lançar-me um olhar cheio de benevolencia curiosidade; algumas flores vigorosas inebriavam-me os sentidos com os seus perfumes; as arvores, estendendo de um lado e outro os seus copados ramos, pareciam querer abraçar-me, e o céu, sereno e tranquillo como a consciencia immaculada, da casta donzella, sorria perante a minha ventura.

Quando sonram os olhos da manha dirigi-me á casa de Alexandrina.

Encontrei-a á janella, esperando-me. Mais bella do que nunca, a minha noiva mostrava no rosto os mais vivos signaes de completa felicidade.

O consorcio devia effectuar-se no oratorio do commendador G... situado perto do sítio de Alexandrina.

Apezar de não se haver feito um só convite, pela nossa parte, na sala contigua ao oratorio encontrámos alguns amigos do commendador, que nos felicitavam a cada instante.

Alexandrina corava, e baixava os olhos,

Quando chegou o momento de ajoelhar perante o altar

olhei com a maior inquietação para minha noiva. Vi-a calma, tranquilla, rianha.

Soccequi completamente. Não havia motivo que podesse justificar os meus receios.

Não devo omitir aqui duas circumstancias que se deram durante a cerimonia.

No momento de pronunciar o *sim* sacramental Alexandrina apresentou todos os symptoms de uma extinção de voz: dir-se-lia que a respiração lhe faltava quando a palavra lhe sahio dos labios; e depois, quando lhe metti no dedo o anel nupcial, sus não ficou inerte e fria como a de um cadaver.

Porém, como nenhuma alteração do rosto acompanhou tais incidentes, dei-lhes pouca attenção e bem depressa os esqueci. Eu era tão feliz!

O resto do dia passou-se no meio da maior serenidade.

São dez horas. Alexandrina está sentada sobre a cama, e olha-me com a meiguice da mulher, que ama verdadeas.

Approximo-me della, ajoelho a seus pés, fallo-lhe do meu amor, e da minha felicidade...

De repente, no meio dos meus transportes, vem a pallidez cobrir-me o rosto: ergo-me livido como se uma serpente quizesse morder-me!

Alexandrina não me ouve mais!

Com os olhos fixos no espaço, nada vê de quanto se passa ao redor della: immobilidade a mais completa.

Ah! o mal esquecido, o destruidor implacavel da minha ventura, voltava ao assalto.

Eu sabia que nada havia a fazer durante a crise.

Os cuidados por ella exigidos limitavam-se a esperar o seu termo.

Portanto, não quiz pôr a casa em alarma. Mas, como os symptoms se d'claravam com energia maior do que a habitual, abri a minha carteira e dispuz-me a tomar nota dos diversos incidentes que se fossem manifestando, para no dia seguinte dar conta dellas ao medico, que já por vezes havia consultado.

(Conclui no proximo numero)

Aos gulosos

SONETO

OFFERECIDO A UM CONVITADO DA ULTIMA REUNIÃO DOS TENENTES DO DIABO

Podins, pasteis, empadas, marmelada,
Arroz doce, leite-creme e compotas
São petiscos aos quaes sempre te botas
Como lobo a uma ovelha desgarrada.

Tambem ao pto de 10 dias avançadas,
E nem comendo cem de farto arrótas;
De assucar tuas guelias são devotas
E chupas do melado uma canada.

E'a guloso temível o afamado,
E não de pôr-te na camp'a este letrado,
Feito em letras d'assar mascavado:

*« Aqui jaz um guloso verdadeiro
Que morreu de mil magoas traspassado,
Por não ter aprendido a confeitaria. »*

J. L. A.

ANNUNCIOS

70 Rua de S. Pedro 70

SOBRADO

DR. V. SABOIA

MEDICO E PARTEIRO

Consultas e operações

139 Rua da Quitanda 139

JOSE KLAES

Grande estabelecimento de pianos construídos com a solidez
precisa ao clima do Brazil.

Pianos de cauda, de armario e de meio armario, dos fabri-
cantes mais considerados na Europa.

Esta casa, tendo empregados especiaes para o encaixa-
mento de seus pianos, encarrega-se de remetê-los para as
provincias, garantindo que nada sofrerão com a viagem.

ÓTIMAS CONDIÇÕES DE PREÇO

119 Rua do Ouvidor 119

A CONSOLAÇÃO DAS FAMILIAS

QUAQUINA

Preparação que liga, sem deixar o menor vestigio, o ala-
bastro, o vidro, a buça da China, a pedra, a buça commum,
o marfim, a obra de madeira e de sola, cachelinhos, lúas, bon-
galas, corraes, pedras preciosas, o coral, a madreperola, o
marmore, o crystal, o biscuit, as estatuas, o osso, a obra de
fartaruga, o ambar, a porcellana, o bronze, as perolas, os
leques, o bufalo, o vidrilho e o barro.

Preparação transparente como o crystal, mais forte do que
o vidro.

Resiste ao fogo, aos espiritos, aos acidos, sem nunca alte-
rar-se.

Para concertar 250 objectos, vai acompanhada cada dose
por uma instrução sobre o modo de empregar-se.

Unico agente—A. Heister.

16 Rua da Quitanda 16

ANTONIO JOSÉ DE OLIVEIRA CASTRO

CIRURGIAO DENTISTA

Encarrega-se de tudo quanto diz respeito á sua arte.
Extração da dentes e raizes por um processo, que põe o
paciente ou abrigo dos grandes soffrimentos:

Collocação do dentaduras artificiaes pelo systema reputado
hoje o mais perfeito:

Especialidade de pós e elixires para a conservação dos
dentes e acido da boca.

42 Rua de Gonçalves Dias 42

C. BRANDÃO DE SOUZA BARROS JUNIOR

Laboratorio pharmaceutico, productos chimicos e drogaria.
Preparações francezas, inglozas, americanas.

Produtos chimicos e pharmaceuticos, recolhidos directamen-
te dos melhores laboratorios da America e da Europa.

Mediante modica commissão encarrega-se de mandar vir
directamente productos relativos ao dito negocio.

Promptificação de encomendas para as provincias com a
maior brevidade de tempo e optima escolha de artigos.

71 Rua dos Pescadores 71

JOÃO MEHRELLES BASTOS

RELOGEIRO

Relogios francezes, suissos e allemes, de todos os systemas
até hoje conhecidos, de ouro e de prata, a preços realmente
mudicos.

Especialidade de pendulas para escritorio e sala de jantar.
Guerros afiançados.

Promptidão e franqueza

78 Rua da Uruguayana 78

A ESTRELLA DO NORTE

Antonio Ferreira Guimarães, alfaiate bem conhecido de
todos os que desejam vestir bem, annuncia aos seus numerosos
frequentes e amigos que recebeu ultimamente de Paris um
grande sortimento de roupa feita para homens e crianças.

Faz tambem, sob medida, toda e qualquer peça de roupa,
atendendo especialmente á elegancia do corte, á qualidade
da fazenda e perfeição da obra.

Coroas e objectos para o dia de
Finados

EXTRAORDINARIA PERFEIÇÃO DE TRABALHO

PREÇOS MODICISSIMOS

Arnaldo José Ferreira & C.

M^{me}. Emilia

Daniel Francisco Lisboa

Calado

Araújo & Lima

Augusto Trigt

Rua de S. José 79

Rua dos Olivares 181

Rua da Alfandega 199

Rua da Alfandega 42

Rua dos Olivares 14

Rua do Ouvidor 71

Typo. e Impressão—Rua Sete de Setembro n. 71

A VIDA FLUMINENSE



"Ella - Como vende o sans facon de aquelle senhor? Alorci-o pela porta fora em consequencia dos 700' desgosto que me deu, e ainda se atreve a re-questar fôr! Ah! meu caro, fôrta touca que eu seja mais feliz comtigo."
 "Elle - Fôrta le helos meus 924 padrinhos que a tua vida vai ser fôrta a dos caneiros! algodão, gemmas d' ovos e pão de ló. Verdaz."